

CNBB denuncia a Funai e assume defesa de índios

CARLOS DE OLIVEIRA
Enviado Especial

ITAICI, Município de Indaíatuba (SP) — O presidente do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), dom José Gomes, apresentou ontem aos bispos brasileiros reunidos em Itaiaci para a 19.ª Assembléia Geral da CNBB um panorama da situação indígena no País, afirmando que, no campo da evangelização, "assim como Jesus assumiu o povo sofrido, nós também temos que assumir os índios como marginalizados, esbulhados, famintos, doentes e cuja vida corre perigo sempre".

Dom José Gomes, bispo de Chapecó (SC), disse que apresentará à Assembléia Geral, cópia de uma instrução técnica da Funai que, segundo ele, mostraria "a intenção do órgão em promover emancipação de índios com base em critérios internos e administrativos sem consulta aos legisladores e à opinião pública".

Do ponto de vista da evangelização dos povos indígenas, dom José Gomes, em sua exposição aos bispos, ressaltou que "os problemas dos índios não são meramente internos, mas também da sociedade envolvente, e quem for trabalhar com eles tem que ser alguém perito em uma série de coisas, não só em catequese".

"Ele tem de conhecer — disse — de maneira clara o problema da terra indígena e o seu envolvimento religioso. Para o índio, a terra é dom de Deus, antes que João Paulo 2.º o dissesse. Quem for trabalhar com os índios deve conhecer toda a legislação em torno da terra para poder ser um defensor do índio, senão ele não será um evangelizador".

Esse evangelizador, segundo dom José Gomes, "tem que saber que o índio é um homem ameaçado na sua vida e na sua saúde. Muitas tribos estão em condições precaríssimas de saúde e vida, também por causa da alimentação e da sobrevivência. Ele tem que conhecer profundamente a cultura indígena para poder evangelizar, além de conhecer a língua, a educação, o sistema educativo, o sistema religioso, a organização social e familiar, e os seus meios de sobrevivência, que fazem parte da cultura".

Do ponto de vista religioso, dom José Gomes disse aos bispos que "o índio não é nenhum ateu ou pagão, mas um ser profundamente religioso, tanto assim que os índios de uma tribo do Mato Grosso, os Salomãs, rezam oito horas por dia e são chamados de beneditinos da floresta".

De acordo com o presidente do Cimí, "o missionário que entra numa área indígena deve conhecer bem o problema da autodeterminação do índio e deve conhecer também a posição dos cientistas, dos antropólogos, sociólogos sobre a problemática das etnias".

RELATÓRIOS

Ainda ontem foram apresentados aos bispos brasileiros relatórios sobre o Movimento de Educação de Base (MEB) e sobre problemas missionários. No primeiro caso de acordo com o expositor do tema, dom José Freire Falcão, arcebispo de Teresina, procurou-se mostrar aos bispos a necessidade de tornar a estrutura do MEB menos onerosa e menos dependente da ajuda financeira governamental.

Em seu relatório, dom José Freire Falcão destacou, entre outras coisas, que "O MEB não é um movimento paternalista, onde planos e programas vêm de alguns. Ao contrário, ao preocupar-se com uma população extremamente marginalizada da zona rural, enseja a sua participação ativa em todos os momentos de seu processo educativo. Para tal, a própria estrutura do MEB se abre à presença dessa população, colocando-a como sujeito desse processo. Isto implica uma metodologia de ação cujos elementos fundamentam e impulsionam as linhas operacionais do MEB, que são as atividades de grupalização e escolarização".

Com relação aos problemas missionários, tema apresentado por Dom Angelo Froisi, bispo de Abaeté do Tocantins (PA), foram destacadas a presença quase que exclusiva de missionários estrangeiros na Amazônia e a necessidade de inserção de brasileiros na região. Além disso, dentro do mesmo tema, dom Angelo destacou o problema indígena, afirmando que "a Igreja deveria conscientizar todos os setores da Nação para que o índio tenha o direito de sobreviver e não seja forçado a desaparecer".